

INSERÇÃO DE AGRICULTORES FAMILIARES AGROECOLÓGICOS EM CADEIAS CURTAS DE COMERCIALIZAÇÃO: ASSENTAMENTO PARAISO DAS ACÁCIAS, RONDÔNIA.

DIÊGO ALEXANDRE DUARTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

ANGELINA MARIA DE OLIVEIRA LICORIO

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL

RAQUEL DA SILVA PEREIRA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO / USCS

Resumo

A presente pesquisa investigou a inserção de agricultores familiares agroecológicos do Assentamento Paraíso das Acácias, Rondônia, em cadeias curtas de comercialização. O estudo, de caráter descritivo e exploratório com abordagem qualitativa, buscou compreender os desafios e estratégias adotados por esses agricultores, bem como o impacto dessa inserção no desenvolvimento socioeconômico e na sustentabilidade da comunidade. A coleta de dados ocorreu entre abril e julho de 2022, por meio de entrevistas semiestruturadas com produtores e gestores de cooperativas locais. Os resultados revelaram que a inserção em cadeias curtas promove a inclusão socioproductiva, fortalece canais alternativos de comercialização e contribui para a construção de um sistema agroalimentar mais justo e sustentável. A participação nessas cadeias possibilita o acesso a mercados, a geração de renda, a melhoria da qualidade de vida e o fortalecimento da autonomia dos agricultores. Contudo, desafios como a necessidade de maior apoio governamental, o fortalecimento das organizações de produtores e a conscientização dos consumidores foram identificados. Conclui-se que as cadeias curtas de comercialização representam uma estratégia para o desenvolvimento local, a inclusão social e a sustentabilidade do sistema agroalimentar, sendo imprescindível o apoio de políticas públicas e ações da sociedade civil para ampliar seus impactos e benefícios.

Palavras Chave

Cadeias Curtas, Agricultura Familiar, Agroecologia

INSERÇÃO DE AGRICULTORES FAMILIARES AGROECOLÓGICOS EM CADEIAS CURTAS DE COMERCIALIZAÇÃO: ASSENTAMENTO PARAISO DAS ACÁCIAS, RONDÔNIA

1 INTRODUÇÃO

As prosperidades de nações modernizadas foram construídas à custa da exploração colonial, perpetuando desigualdades que persistem até os dias atuais (Sachs, 2008). Superar essas desigualdades exige um compromisso com a justiça social e a construção de um sistema global mais equitativo (Freitas, 2022). No setor de alimentos já se destacou uma mudança no mercado, com os consumidores cada vez mais conscientes sobre a origem, produção e impactos socioambientais dos alimentos que consomem. Essa tendência gerou práticas de produção sustentáveis e certificações externas para atender essas novas critérios (Macedo e Binsztok, 2012).

Renting, Marsden e Banks (2017) introduziram o conceito de “paradigma de desenvolvimento rural”, que valoriza práticas agrícolas ambientalmente responsáveis e socialmente justas. Nesse contexto, as cadeias curtas de comércio surgem como uma alternativa às cadeias tradicionais, proporcionando maior transparência, proximidade entre produtores e consumidores, e promovendo o desenvolvimento local.

O objetivo desta pesquisa é investigar como os agricultores familiares agroecológicos do Assentamento Paraíso das Acácias, localizado em Candeias do Jamari (RO), se inserem nas cadeias escassas de comercialização. A análise busca compreender os desafios e as estratégias adotadas por esses agricultores, bem como o impacto dessa inserção no desenvolvimento socioeconômico e na sustentabilidade da comunidade. No contexto de Rondônia, as pequenas cadeias de comercialização de alimentos têm potencial para fortalecer a agricultura familiar, promover a segurança alimentar e nutricional e fomentar um sistema agroalimentar mais justo e sustentável.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O desenvolvimento de comunidades que praticam um comércio não participante nas grandes cadeias produtivas, estão inseridas nos projetos de sustentabilidade, inclusão social e de mercado solidário, os quais se mostram urgentes e valorizados, conforme se verifica na Agenda 2030 promovidos pela Organização das Nações - ONU (Franzin e Leite, 2022).

2.1 CADEIAS CURTAS DE PRODUÇÃO DE ALIMENTOS OU CIRCUITOS CURTOS

As cadeias curtas agroalimentares, ou circuitos curtos de comercialização, surgem como uma resposta dos agricultores à globalização do sistema alimentar, que frequentemente marginaliza pequenos produtores e favorece grandes corporações (Ploeg et al., 2000). Essas cadeias permitem que os agricultores recuperem o controle sobre a produção e a comercialização de seus produtos, promovendo relações diretas com os consumidores e valorizando a produção local e sustentável (Galton e Vanclay, 2009).

Belletti e Marescotti (2013) definem essas cadeias como sistemas com poucos intermediários entre produtores e consumidores, enquanto Goodman (2017) destaca que oferecem uma alternativa à economia tradicional ao incorporar valores sociais e culturais muitas vezes ausentes nas cadeias convencionais. Para Pierri e Valente (2015), essas cadeias melhoram a condição econômica local, ao oferecer produtos frescos e rastreáveis, atendendo à demanda por saúde e bem-estar. Renting, Marsden e Banks (2017) acrescentam que essas cadeias

promovem inter-relações entre os atores da produção e comercialização, com o objetivo de aproximar produções e

2.2 AGRICULTURA FAMILIAR AGROECOLÓGICA

O marco estratégico da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO para 2022-2031 se alinha à visão da Agenda 2030 da ONU, buscando um mundo sustentável onde a segurança alimentar seja garantida para todos. Para alcançar esse objetivo, a FAO propõe a transformação dos sistemas agroalimentares, figura 1, tornando-os mais eficientes, inclusivos, resilientes e sustentáveis (FAO, 2021).

Figura 1 - Marco de resultados estratégico da FAO 2022-2031.



Fonte: Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, 2021).

A Figura 1 representa visualmente a abordagem integrada da FAO para a transformação dos sistemas agroalimentares, destacando a importância de considerar as dimensões econômica, social e ambiental de forma equilibrada e interdependente (FAO, 2021).

Em 2014, a FAO divulgou um relatório que destacava a importância da agricultura familiar, indicando que 90% dos agricultores do mundo eram familiares e responsáveis por cerca de 80% da produção global de alimentos. Em 2021, a FAO atualizou esses dados, incluindo informações sobre o tamanho das propriedades. Essa atualização permitiu uma análise mais detalhada da agricultura familiar, revelando que a maioria das propriedades familiares no mundo possui menos de dois hectares. Essa constatação reforça a importância da agricultura familiar para a segurança alimentar global (FAO, 2021).

A agricultura familiar, como definida por Cribb et al. (2011), representa um modelo de produção que valoriza a família, o trabalho, o conhecimento local e a sustentabilidade, contribuindo para a segurança alimentar, o desenvolvimento rural e a preservação da cultura e do meio ambiente. E, nos termos da FAO (2021), um modo agrícola de produção, que engloba um ou mais ramos, como a pesca, pecuária, silvicultura e outros, onde a administração é feita por famílias, e os resultados conquistados estão atrelados ao desenvolvimento da renda, do respeito ao meio ambiente e valorização de saberes locais.

Desde a origem do campesinato a agricultura familiar esteve presente, sendo ela a responsável pela definição do contexto em que a família enquanto proprietária dos meios de produção, é o agente que também faz a roda girar, no sentido de produzir e gerir essa produção, sendo categorias endógenas e complementares (Felício, 2006).

Goodman (2017) destaca a tendência de busca por alimentos mais saudáveis, sustentáveis e com impacto social positivo e, as cadeias curtas de comercialização de alimentos emergem como uma resposta a essa demanda, oferecendo uma alternativa aos modelos

tradicionais de produção e distribuição. Ao encurtar a distância entre produtores e consumidores, as cadeias curtas proporcionam maior transparência, rastreabilidade e conexão com a origem dos alimentos (Ploeg, 2012).

3 METODOLOGIA

A pesquisa adota um estudo de caso descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa, conforme as diretrizes de Stake (2000). O estudo foi realizado entre abril e julho de 2022 no Assentamento Paraíso das Acácias, localizado no município de Candeias do Jamari (RO), envolvendo cerca de 152 famílias de agricultores familiares agroecológicos que praticam o plantio consorciado e participam de cadeias curtas de comercialização.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de captar as percepções, motivações, desafios e estratégias empregadas pelos agricultores em sua inserção nas cadeias curtas. As entrevistas permitem aprofundar a compreensão sobre a experiência dos agricultores familiares agroecológicos do Assentamento Paraíso das Acácias em relação à sua inserção nas cadeias curtas de comercialização de alimentos. Através delas, foi possível explorar as motivações, os desafios, as estratégias e os impactos dessa inserção, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os agricultores familiares são muito expressivos na região norte do Brasil, destacando nesta pesquisa, o Estado de Rondônia, onde o espaço rural e urbano está imbricado devido à sua própria natureza agropecuária, ecológica e socioambiental (EMATER, 2022).

Neste estudo buscou-se analisar o processo de inserção de agricultores familiares agroecológicos do Assentamento Paraíso das Acácias nas cadeias curtas de comercialização de alimentos, tendo como unidade de análise a cadeia curta de produtores familiares agroecológicos. A escolha do município de Candeias do Jamari foi realizada levando em consideração a projeção de produção da agricultura familiar e os impactos decorrentes das cadeias curtas de comercialização na cidade, com diversas agroindústrias implantadas, como de polpa de frutas, de produção de pães, farinhas e derivados de mandioca.

A comunidade Paraíso das Acácias também comercializa semanalmente na Feira da Reforma Agrária, que acontece todas as quintas-feiras, no pátio do Incra, em Porto Velho, Capital de RO. Em consultas preliminares, observou-se o avanço da produção orgânica de abacaxis, mandioca/macaxeira, hortaliças e frutas.

Exemplificando, em 2014, o abacaxi teve produção registrada de 2.280 ante 2.808 da produção total de Porto Velho, Capital de Rondônia, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mas que em dados de 2020, Candeias caiu para produção de 383 ante 2.650 de Porto Velho (IBGE, 2020).

Conforme investigação preliminar, as fontes secundárias pesquisadas, foram dados públicos e oficiais de entidades como: Entidade Autárquica de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Rondônia (EMATER/RO), Secretaria de Estado da Agricultura (SEAGRI), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Prefeitura Municipal de Candeias do Jamari e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Quanto aos agricultores familiares do assentamento, foram analisados documentos de compra e venda de produtos, arquivos de divulgação e documentos de parcerias com fornecedores e compradores. As entrevistas seguiram a norma da exaustão, isto é, o encerramento da coleta quando fica evidente uma convergência e repetição de conteúdos nos

discursos (Fontanella; Ricas; Turato, 2008). Inicialmente foram entrevistados 5 produtores locais de culturas diferentes (maracujá, goiaba, mandioca, cupuaçu e feijão) e dois gestores de duas cooperativas/associações pertencentes à cadeia curta, totalizando 9 sujeitos.

A avaliação e descrição do processo de inserção de agricultores familiares agroecológicos em cadeias curtas de comercialização no caso do assentamento paraíso das acácias foi considerado o papel dos atores na dinâmica comercial de Candeias do Jamari e Porto Velho no sentido de participação em feiras e eventos próprios, venda e comercialização, rentabilidade, logística e custos, a partir desse ponto, definido esse processo de inserção, como aderente.

Neste estudo, evidenciou-se: a proporção das feiras e ou iniciativas governamentais que representam uma alternativa de inserção comercial aos agricultores familiares; e 2 identificação das características fundamentais destas que representam alternativas de inserção comercial para agricultores familiares.

Nas entrevistas, emergiu das falas dos atores: (a) inclusão socioprodutiva de agricultores familiares; (b) fortalecimento de canais curtos de comercialização, circuitos regionais de produção e consumo e redes agroalimentares alternativas; e (c) construção de uma possível alternativa ao sistema agroalimentar hegemônico.

Inclusão socioprodutiva de agricultores familiares, conforme Neri (2019), a inclusão socioprodutiva observada nas entrevistas reforça a importância das cadeias curtas como ferramenta para combater a desigualdade social e econômica, especialmente em comunidades carentes, conforme apontado pelo autor.

A valorização do trabalho familiar e da gestão dos empreendimentos pelos próprios agricultores, evidenciada nas entrevistas, está em consonância com a definição de agricultor familiar presente na legislação brasileira.

A busca por melhores condições de renda e qualidade de vida, expressa pelos entrevistados, se alinha com os objetivos da agricultura familiar definidos pela FAO, que vão além da mera geração de renda, incluindo o desenvolvimento sustentável e a valorização dos saberes locais.

O desejo dos entrevistados de fortalecer as cadeias curtas e as redes alternativas ecoa o movimento de resistência à globalização do sistema alimentar, identificado por Ploeg et al. (2000), que impulsionou o surgimento dessas iniciativas.

A busca por construir um sistema agroalimentar alternativo ao modelo hegemônico, expressa nas entrevistas, converge com a visão de Goodman (2017) sobre os circuitos curtos como uma forma de economia alternativa que incorpora valores sociais e culturais.

A ênfase na cooperação, no desenvolvimento local e na aproximação entre produtores e consumidores, observada nas entrevistas, corrobora a definição de cadeias curtas proposta por Belletti e Marescotti (2013) e a busca por valorizar o conhecimento local e o papel do homem do campo, expressa pelos entrevistados, se conecta com a visão de Renting, Marsden e Banks (2017) sobre a importância de contrapor as cadeias curtas à agricultura industrial.

A busca por um sistema agroalimentar mais eficiente, inclusivo, resiliente e sustentável, expressa nas entrevistas, se alinha com os objetivos do marco estratégico da FAO, apontado na figura 1, que vê nas cadeias curtas um importante instrumento para alcançar a segurança alimentar e a sustentabilidade.

As falas dos entrevistados evidenciam que as cadeias curtas de comercialização de alimentos e a inclusão socioprodutiva dos agricultores familiares, no fortalecimento da economia local e na construção de um sistema alimentar mais justo e sustentável é possível e avança as estruturas da teoria, para a prática e os praticantes, quando há apoio e um olhar governamental. Esses resultados se conectam com as ideias de diversos autores que estudam o tema, reforçando a importância das cadeias curtas como alternativa ao modelo agroalimentar hegemônico e como ferramenta para alcançar os objetivos da Agenda 2030.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa explorou o processo de inserção de agricultores familiares agroecológicos do Assentamento Paraíso das Acácias nas cadeias curtas de comercialização de alimentos. Através de um estudo de caso com abordagem qualitativa, evidenciou-se que essa inserção promove a inclusão socioprodutiva, fortalece canais alternativos de comercialização e contribui para a construção de um sistema agroalimentar mais justo e sustentável.

As entrevistas realizadas revelaram que a participação nas cadeias curtas possibilita aos agricultores familiares o acesso a mercados, a geração de renda, a melhoria da qualidade de vida e o fortalecimento de sua autonomia. No entanto, também foram identificados desafios nesse processo, como a necessidade de maior apoio governamental, o fortalecimento das organizações de produtores e a conscientização dos consumidores sobre os benefícios das cadeias curtas.

Esta pesquisa demonstrou que as cadeias curtas de comercialização de alimentos representam uma importante estratégia para o desenvolvimento local, a inclusão social e a construção de um sistema agroalimentar mais sustentável. É fundamental que políticas públicas e ações da sociedade civil apoiem e fortaleçam essas iniciativas, a fim de ampliar seus impactos e benefícios para as comunidades rurais e para a sociedade como um todo.

Sugestões para pesquisas futuras:

- Analisar o impacto das cadeias curtas na segurança alimentar e nutricional das comunidades envolvidas.
- Avaliar a sustentabilidade ambiental das cadeias curtas, considerando o uso de recursos naturais, a biodiversidade e as emissões de gases de efeito estufa.
- Investigar o papel das tecnologias da informação e comunicação no fortalecimento das cadeias curtas e na conexão entre produtores e consumidores.

Ao aprofundar o conhecimento sobre as cadeias curtas e seus impactos, será possível construir um sistema agroalimentar mais justo, sustentável e inclusivo, que beneficie tanto os produtores quanto os consumidores e contribua para a construção de um futuro melhor para todos.

REFERÊNCIAS

BELLETTI, G.; MARESCOTTI, A. The Economic Innovation of the short chain. In: GIARÈ, F.; GIUCA, S. (Ed.). *Farmers and short chain: Legal profiles and sócioeconomic dynamics*. Rome: Istituto Nazionale di Economia Agrária (INEA), 2013. p 43-57.

FAO, Food and Agriculture Organization. *The State of World Fisheries and Aquaculture 2020*. 2020. Sustainability in action. Rome. Disponível em: <https://doi.org/10.4060/ca9229en>. Acesso em 22 ago. 2023.

FAO, Fellipe Abreu. Países da América do Sul promovem consumo de pescado. 2021. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Brasil. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1539939/>. Acesso em 25 ago. 2023.

FELÍCIO, M. J. A conflitualidade dos paradigmas da questão agrária e do capitalismo agrário a partir dos conceitos de agricultor familiar e de camponês. *Campo-Território*, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 14-30, agosto, 2006.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública* [online]. 2008, v. 24, n. 1 [Acessado 5 Setembro 2022], pp. 17-27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>>. Epub 11 Jan 2008. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>.

FRANZIN, S. F. L.; LEITE, U. T. (Orgs.). *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Disponível em: https://portal.ifro.edu.br/images/Jornalismo/03-Marco-2022/16-03/Livro_ODS_Boas_Praticas_para_a_Agenda_2030_Varios_Autores.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

FREITAS, Bárbara de Souza. Algumas representações da colonização na América: uma análise enunciativa. *Entretextos*, Londrina, v. 22, n. 1, p. 22–39, 2022. DOI: 10.5433/1519-5392.2022v22n1p22. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/43753>. Acesso em: 20 ago. 2024.

GRALTON, A.; VANCLAY, F. Artisanality and culture in innovative regional agri-food development : Lessons from the Tasmanian artisanal food industry. In: **International Journal of Foresight and Innovation Policy**. 2009 ; v. 5, N. 1-3. pp. 193-204.

GOODMAN, D. Espaço e lugar nas redes alimentares alternativas: conectando produção e consumo. In: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. *Cadeias curtas e redes alimentares alternativas*. Porto Alegre/RS: Editora da UFRGS, 2017, 520p.

MACEDO, G. R. de; BINSZTOK, J. Associações dos Agricultores Familiares, Cafeicultura Orgânica e Comércio Justo na Amazônia: Dilemas e Perspectivas. *Revista Nera*, [S. l.], n. 10, p. 37–56, 2012. DOI: 10.47946/rnera.v0i10.1422. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1422>. Acesso em: 31 mai. 2024.

RENTING, Henk; MARSDEN, Terry; BANKS, Jo. Compreendendo as redes alimentares alternativas: o papel das cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural. In: SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio (Org). *Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas* Porto Alegre: UFRGS, 2017. p. 27-51.

SACHS, Ignacy. *Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado*. – Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

STAKE. R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.) *Handbook of qualitative research* London: Sage, 2000. p. 435-454.

PLOEG, J. D.V. D.; HENK, A.; BRUNORI, G.; KNICKEL, K.; MANNION, J.; MARSDEN, T.; DE ROEST, K.; SEVILLA-GUZMÁN, E.; VENTURA, F. (2000), Rural Development: From Practices and Policies towards Theory. *Sociologia Ruralis*, 40: 391-408. <https://doi.org/10.1111/1467-9523.00156>

PLOEG, J. D.V. D.; JINGZHONG, Y.; SCHNEIDER, S. (2012): Rural development through the construction of new, nested, markets: comparative perspectives from China, Brazil and the European Union, *Journal of Peasant Studies*, 39:1, 133-173 To link to this article: <http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2011.652619>